



A imagem da TV Digital e o trabalho das equipes de reportagem fora das redações

Luciellen Souza LIMA¹

Sandra MOURA²

Resumo

Repórteres de TV trabalham na rua para transformar os acontecimentos em notícia. Eles saem em busca de informações, imagens e sons. Na “lei” do jornalismo de televisão quanto melhores as imagens captadas pelas lentes da câmera, melhor a reportagem. O Brasil está num período de transição da TV analógica para a TV digital. Esse trabalho objetiva entender o ganho de qualidade de imagem na TV digital, em comparação com o sistema analógico, e como isso pode influenciar no trabalho das equipes de reportagem de televisão fora das redações. O artigo é baseado em revisão bibliográfica sobre a imagem na TV digital, a construção da realidade por meio da televisão e o significado das imagens à luz da semiótica. Esse estudo é parte da pesquisa de mestrado sobre a TV digital e as mudanças no processo de produção de notícias.

Palavras-chave:

Imagem; Rua; TV digital; Repórteres.

Abstact

TV reporters working on the street to turn events in news. They are looking for information, images and sounds. In the "law" of television journalism as best images captured by the camera lens, the better the story. Brazil is in a period of transition from analog TV to digital TV. This study aims to understand the gain of image quality in

1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação Profissional em Jornalismo - PPJ/ UFPB, email: luciellenlima@hotmail.com

2 Orientadora do trabalho. Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação Profissional em Jornalismo – PPJ/ UFPB, email: sandramoura@ccta.ufpb.br



digital TV, compared with the analog system, and how this can influence the work of television crews outside the newsroom. The article is based on literature review about the image in digital TV, the construction of reality through television and the meaning of the images in the light of semiotics. This study is part of the master's research on digital TV and changes in the process of news production.

Keywords:

Image; Street; Digital TV; Reporters.

Introdução

A palavra escrita nem tinha dado sinais de vida e a imagem já era utilizada como meio de expressão do ser humano. As pinturas rupestres feitas em pedras pelos nossos antepassados mostram que não é de hoje que as formas imagéticas mexem com o imaginário humano. Segundo Brasil (2006), o percurso é longo da imagem rupestre ao cinema, ao vídeo e à imagem de computador. Com o passar dos séculos a imagem foi ganhando mais importância. Hoje, ela representa um novo conceito de conhecimento.

Entre a imagem e a linguagem falada existe uma diferença básica: o número de elementos disponíveis para a fala é finito, o que não ocorre com a imagem. Na fala, mais cedo ou mais tarde a pessoa vai repetir sons que já emitiu. Já a imagem caracteriza-se por proliferar sem que haja um limite para sua ocorrência. Dessa forma, a imagem se transforma em linguagem adequada para um conhecimento igualmente sem limites (BRASIL, 2005, p. 3).

Atualmente, no Brasil, de acordo com o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, a televisão entra em 95,1% dos domicílios, um meio de comunicação no qual imagem é informação. Rezende (2000, p. 23) afirma que, hoje a TV “desfruta de um prestígio tão considerável que assume a condição de única via de acesso às notícias e ao entretenimento para grande parte da população”.

Segundo Brasil (2005), a influência do meio televisivo na vida das pessoas começa com a linguagem audiovisual, não sendo apenas uma representação daquilo que existe, mas uma fonte de conhecimento cultural. De acordo com o autor, a ciência



mostra que 75% da percepção humana é visual. Em seguida vem a percepção auditiva, com 20%, e as outras somam juntas 5% da capacidade humana de perceber o mundo.

Da televisão em preto-e-branco, com um ou dois canais, até hoje, a TV passou por muitas transformações impulsionadas pela tecnologia. Os profissionais tiveram que se adaptar às novidades, criar e recriar formas de produzir conteúdo destinado ao público do outro lado da telinha. Para muitos autores da Comunicação, a execução dos sinais em cores, iniciada em 1972, representou o maior avanço tecnológico da TV até os anos 2000 (CIRNE, 2012). Depois disso, teóricos acreditam que a mudança do sistema de TV analógico para o digital deve causar impacto semelhante ou maior do que a colorização (SOUTO; FERNANDES, 2009).

A TV digital está sendo considerada uma das maiores revoluções da televisão brasileira. Mas boa parte desse terreno é uma incógnita. “Como o tema é extremamente atual, pesquisadores e profissionais são obrigados a tatear os caminhos e experimentar as possibilidades de ação num mundo quase desconhecido” (CANNITO, 2010, p. 134).

De acordo com o último cronograma do Ministério das Comunicações, o Brasil está a dois anos do início do desligamento das transmissões analógicas. Um processo planejado para começar em 2015, nas principais cidades brasileiras, e terminar em 2018, nas cidades menores. As discussões no país sobre a TV digital começaram em 1994 e hoje o processo de transição do sistema analógico para o digital já está em andamento.

As discussões sobre as questões técnicas estão avançadas, entretanto, a relevância da questão conteudística pode ser mensurada pela importância da TV para o país. Embora exista a supremacia televisiva a realidade está mudando. Pesquisas mostram que muitos espectadores estão desligando a televisão e se tornando usuários da internet. O público que assiste à televisão hoje é três vezes menor do que era há dez anos (CANNITO, 2010, p. 215).

Nesse contexto, o jornalismo passa por uma reinvenção, que começou com o computador e a internet e está se espalhando para outras mídias, incluindo a televisão. Para Barbeiro e Lima (2013, p. 50) “o telejornalismo já não é mais o mesmo na sociedade informacional, e o jornalista tem de se preparar para essa nova época, que é



de construção, e não de extinção”. Porém, para construir é preciso conhecer e refletir. A partir daí é possível criar. “É hora de pesquisar, testar, adotar ou (re)adaptar variações de linguagem, formato e conteúdo” (VILLELA, 2008, p. 188).

Aos poucos a digitalização da tecnologia está entrando nas redações com potencial de transformar práticas já cristalizadas nas redações de emissoras, incluindo a produção do conteúdo telejornalístico, a reportagem e a edição (SANTOS, 2009). Dentre as várias características da TV digital que iremos citar mais adiante, neste artigo vamos nos aprofundar mais na melhora da qualidade da imagem, na tentativa de entender como isso pode modificar a rotina das equipes de reportagem. “A TVD é capaz de oferecer maior nitidez de imagem e som, apta a transmitir em alta definição, que pode inclusive, superar a resolução oferecida pelo cinema” (CIRNE, 2012, p. 71).

É a equipe de reportagem que lida mais diretamente com produção das imagens para um telejornal. Está nas mãos do repórter a responsabilidade de contextualizá-las. “A função prioritária que a imagem ocupa na comunicação telejornalística requer uma preparação especial do jornalista de TV para que ele tire maior proveito das potencialidades expressivas do vídeo” (BRASIL, 2005, p. 8).

A cada dia mais emissoras de TV estão implantando o sistema digital e os jornalistas estão tendo que encarar na prática uma nova tecnologia. É importante entender o novo sistema e como as características dele podem modificar a forma de fazer jornalismo. Estudos como este contribuem para que os profissionais estejam mais bem preparados para lidar com a TV digital, para agregar mais qualidade e novas características ao conteúdo jornalístico. Esse artigo é parte de uma pesquisa em nível de mestrado sobre a TV digital e as mudanças no processo de produção de notícias.

O trabalho na rua

As notícias estão fora dos portões da emissora, a reportagem acontece na rua (FACHEL, 2011). Fora da redação, “o primeiro passo do jornalista é aproximar-se dos envolvidos com o fato e conversar. Perguntar e colher de todas as fontes o maior número de dados possíveis para entendimento e configuração da reportagem”



(VILLELA, 2008, p. 147). A partir daí todo um trabalho físico e intelectual vai se desenrolando. Concentração é um elemento essencial.

Quanto mais concentrado e diligente é o jornalista, maior sua capacidade de compreender a natureza, situação ou condição de coisas e pessoas num determinado momento [...] A sagacidade é o que proporciona o discernimento para avaliar – dentro de critérios sensatos de comparação, julgamento, escolha e definição – os elementos adequados para a realização da reportagem (VILLELA, 2008, p. 148).

Embora o repórter precise colher as informações, a prioridade na rua é sempre da imagem (FACHEL, 2011). O trabalho do repórter deve ajudar a dar espaço para os olhos da câmera porque não dá para recuperar o momento que renderia uma boa imagem. Em televisão uma imagem pode garantir a inserção de um assunto que talvez nem fosse ao ar se o cinegrafista não tivesse no lugar certo, na hora certa. Porém, a falta da imagem “não pode ser motivo de exclusão. Uma nota curta, lida pelo apresentador, cumpre a função de informar. Se o assunto merecer, pode-se optar por uma entrada com repórter, ao vivo do local” (BISTANE; BACELLAR, 2005, p. 42).

Segundo Santos (2012), numa equipe de reportagem o trabalho é feito pelo repórter, o repórter cinematográfico ou cinegrafista e o iluminador ou auxiliar. “Um depende diretamente da participação do outro, a fim de se obter o melhor em termos de resultados” (p. 105-106). Por isso, antes mesmo de chegar ao local de gravação, o repórter deve conversar com o cinegrafista sobre a pauta (FACHEL, 2011). Interagir sobre o encaminhamento da matéria com quem está captando as imagens é fundamental para que haja sintonia entre texto e imagem (BISTANE; BACELLAR, 2005).

O cinegrafista vai em busca das imagens principais e mais óbvias. Já o repórter, além de estar atento a isso, deve desenvolver uma visão diferenciada, olhar para onde ninguém está olhando (FACHEL, 2011). É nos detalhes que pode estar o diferencial.

A todo o momento é preciso pensar como o fato vai ser contado. “O noticiário é essencialmente narração, sua ação é a de contar estórias e o sentido dessa narração é afirmar a realidade interpretada e midiaticizada” (CABRAL, 2012, p. 145). Aos poucos o quebra-cabeça vai sendo montado. “Algumas peças se encaixam melhor na passagem do



repórter, outras, nos trechos selecionados das entrevistas, e as restantes compõem o *off*, que será coberto por imagens” (BISTANE; BACELLAR, 2005, p. 23).

A computação gráfica é mais um elemento que pode contribuir com o material. Mesmo na TV analógica, esse recurso é utilizado, embora com certas limitações já que as imagens são gravadas na fita, analógica, e a computação gráfica é feita no computador, digital. Mesmo assim é possível, por exemplo, fazer “simulações virtuais de acidentes e sequestros que não foram registrados pelas câmeras” (BISTANE; BACELLAR, 2005, p. 27).

Os pedacinhos vão se encaixando e o repórter precisa escrever um texto com precisão e síntese. “Uma coisa é ouvir uma história; outra, é entender o suficiente para contá-la, transmitindo a relevância da informação de forma atraente e inteligível” (BISTANE; BACELLAR, 2005, p. 13). Segundo Fachel (2011), a forma como se conta a história também influencia na qualidade da reportagem.

Nessa etapa do trabalho é hora de unir texto e imagem, o que não é uma tarefa fácil, pois “o texto deve estar 'casado' com a imagem. A palavra complementa, esclarece a informação visual, mas não deve ser uma mera descrição” (BISTANE; BACELLAR, 2005, p. 14). Escrever de forma criativa pensando nas imagens sem descrevê-las é um desafio diário que deve ser feito com agilidade, pois existe o *deadline*. “O *deadline* é uma linha imaginária, um limite de tempo para fazer da edição da matéria e do fechamento do jornal, operações seguras” (BISTANE; BACELLAR, 2005, p. 25). Se o *deadline* não for respeitado, o material pode não chegar na redação a tempo.

Em síntese, no geral, as principais atribuições de uma equipe de reportagem são: colher informações, gravar imagens, entrevistar, observar, anotar, gravar passagem, ficar atento ao áudio capturado pela câmera, pensar em imagens de arquivo (se necessário) que podem ser usadas, fazer o texto, sugerir artes, gráficos ou simulações que possam enriquecer a matéria, gravar o *off*, mandar o material bruto dentro do *deadline*, gravar audiotape quando precisar e fazer entradas ao vivo. E tudo isso acontece na rua!

A TV digital



Montez e Becker (2005, p. 36) afirmam: “a TV digital nada mais é do que a transmissão digital dos sinais audiovisuais”. A transmissão digital é feita por meio de uma sequência de bits, representando os sinais de som e imagem. A analógica é feita por uma onda eletromagnética. O bit faz parte da linguagem binária (de 0 e 1), comum a todos os meios digitais. Essa representação numérica não tem ruídos e evita perdas na qualidade, além de permitir a compactação de informações. “Dessa forma, muito mais dados podem ser transmitidos, aumentando a qualidade da imagem (permitindo o famoso *high definition*) ou a multiplicação de canais” (CANNITO, 2010, p.75).

Cannito (2010) ressalta que no Brasil a TV digital em si não é algo novo. Ela já está presente nas TVs (pagas) a cabo, por satélite e por IPTV (Internet Protocol TV). Algumas, disponibilizam ferramentas como a possibilidade de gravar a programação e um guia de canais. A novidade mesmo está na TV digital terrestre, que utiliza o ar para as transmissões, assim como a TV analógica. Essa é a forma gratuita de TV e abrange toda a população. Por isso depende de decisões governamentais em todo o processo. A primeira discussão foi acerca do sistema que seria adotado no Brasil: o americano, o europeu ou o japonês.

No dia 29 de junho de 2006, o governo assinou o Decreto que estabeleceu as diretrizes para a digitalização da TV brasileira de transmissão terrestre. O documento definiu o padrão japonês ISDB-T como base do Sistema Brasileiro de Televisão Digital Terrestre e determinou que se incorporassem inovações tecnológicas locais.

O sistema brasileiro foi criado com ajuda de pesquisas feitas em várias universidades brasileiras. “Entre outras conquistas, o país aperfeiçoou o padrão de modulação e desenvolveu um *middleware* nacional (o Ginga), compatível com o padrão japonês, além de criar aplicativos inéditos e um projeto de *set top box* de baixo custo” (CANNITO, 2010, p. 96). *Set top box* é um conversor digital para TV analógica. No dia 02 de dezembro de 2007 a TV digital foi inaugurada no Brasil (FRANÇA, 2009). Lemos (2010, p. 20) caracteriza como bastante flexível o sistema desenvolvido no país, “a tecnologia oferece suporte para programação com alta definição, multiprogramação, interatividade, transmissão para dispositivos móveis e portáteis”.



A tecnologia digital influencia em todas as etapas do sistema televisivo, desde a captação até a distribuição, passando pela etapa de finalização e tratamento da imagem (CANNITO, 2010). A linguagem digital possibilita a convergência com outras mídias com a mesma linguagem.

Telefonia móvel e fixa, PC, internet, *broadcast*, TV digital e interativa formarão uma plataforma de comunicação única e interligada. Com a convergência de mídias, filmes podem ser baixados da internet em todas as partes do mundo e em todos os tipos de aparelho; programas de televisão podem ser vistos no PC; compras podem ser feitas pressionando-se um botão no controle remoto; fotos e vídeos podem ser captados e enviados por celulares. O usuário poderá interagir mais, não somente pelo computador, mas também por celular e televisão (CANNITO, 2010, p. 84).

A imagem

Dentre as características da TV digital, a vantagem mais perceptível é a resolução da imagem. “A televisão projeta uma imagem ponto por ponto. Os pontos compõem as linhas que constituem a imagem. A resolução descreve a quantidade de linhas que o aparelho pode mostrar” (CANNITO, 2010, p. 141). Para entender o avanço técnico da imagem é preciso fazer uma comparação com o sistema analógico:

Nos atuais sistemas analógicos, em função das perdas, a definição nos aparelhos receptores (TVs e videocassetes) atinge, na prática, somente 330 linhas horizontais, ou seja, ocorre uma perda de quase 50%. Isso impacta diretamente na qualidade da imagem que vemos na TV. Digitalmente, a imagem é muito mais imune a interferências e ruídos, ficando livre dos 'chuviscos' e 'fantasmas' tão comuns na TV analógica. Na transmissão digital, os sinais de som e imagem são representados por uma sequência de *bits*, e não mais por uma onda eletromagnética análoga ao sinal televisivo (MONTEZ; BECKER, 2005, p. 38-39).

De acordo com Cannito (2010) a resolução oficial da HDTV é de 720 linhas de 1280 pixels, e a maior resolução disponível atualmente é da TV *Full HD* (1920 x 1080 pixels). Isso significa imagens mais largas e bem mais detalhadas.

Além da estabilidade de recepção, a tecnologia digital permite imagens em alta definição, com maior nitidez de cores e detalhes visuais antes



imperceptíveis na televisão analógica. Além disso, os programas gravados e transmitidos em alta definição têm formato de tela de cinema – 16:9 (relação entre largura e altura da tela) -, enquanto na transmissão analógica, o formato é mais quadrado, 4:3. Isso faz com que a tv digital permita ver mais áreas de uma cena nos televisores modernos (FRANÇA, 2009, p. 69).

Com mais qualidade técnica, a imagem da televisão digital parece ser mais real. “A representação que se propõe ser entendida como realidade chega, na tv digital, naquilo que talvez seja seu ápice [...] ficando cada vez mais difícil distinguir a representação do representado”(FRANÇA, 2009, p. 71).

Segundo conceitos da semiótica (SANTAELLA; NOTH, 2001), por mais real que pareça ser uma imagem ela não pode ser confundida com a realidade. É apenas uma representação, um fragmento do real capturado.

Atrás do visor de uma câmera está um sujeito, aquele que maneja essa prótese ótica, que a maneja mais com os olhos do que com as mãos. Essa prótese, por si mesma, cria um certo tipo de enfrentamento entre o olho do sujeito, que se prolonga no olho da câmera, e o real a ser capturado. O que o sujeito busca, antes de tudo, é dominar o objeto, o real, sob a visão focalizada de seu olhar (SANTAELLA; NOTH, 2001, p. 165).

Joly (2002, p. 129) reforça essa ideia ao afirmar que é impossível que uma imagem corresponda a realidade “uma vez que as imagens são elas próprias um discurso acerca do mundo”, justificando assim uma verdade-coerência e não uma correspondência. Sozinha, uma imagem abre espaço para várias interpretações assim como uma obra aberta. Porém, em jornalismo toda imagem deve ser contextualizada.

A imagem pode ilustrar um texto verbal ou o texto pode esclarecer a imagem na forma de um comentário. Em ambos os casos, a imagem parece não ser suficiente sem o texto [...] O contexto mais importante da imagem é a linguagem verbal. Porém, outras imagens e mídias, como por exemplo a música, são também contextos que podem modificar a mensagem da imagem”. (SANTAELLA; NOTH, 2001, p. 23)

É inegável que o processo evolutivo nos modos como a imagem é produzida geram rupturas e transformações. Na visão de Santaella e Noth (2001), as consequências desse processo pode se dar de formas variadas, “pois toda mudança no modo de



produzir imagens provoca inevitavelmente mudanças no modo como percebemos o mundo e, mais ainda, na imagem que temos do mundo” (p. 158).

Com relação à imagem mediática, Joly (2002) enfatiza que as exigências e expectativas de verdade sobre elas vai depender da coerência entre o discurso verbal e o discurso visual seguindo os objetivos da emissão: publicidade, informação, ficção, jogos, entre outros. Cada um mantém um contrato diferente com o público receptor das imagens veiculadas. “Quando se acusa a imagem de mentir, pode tratar-se também de uma ruptura do contrato de comunicação, como no caso do jornalista que não verifica as suas fontes ou que brinca com sua informação” (JOLY, 2002, p. 126).

Brasil (2005) lembra que os sinais digitais são processados em computadores, logo são mais facilmente manipuláveis. Entretanto, de acordo com a ética jornalística, essa manipulação não deve ser sinônimo de falsear, mas sim de manejar. Assim, duas operações do telejornalismo no processo de produção de uma reportagem foram facilitadas: a montagem (edição) e a simulação.

Em telejornalismo a montagem é um princípio determinante na produção de sentido. “Queira ou não, as aproximações texto-imagem, as justaposições imagem-imagem, interagem umas sobre as outras, *produzindo um sentido que não aparece em nenhum dos elementos tomados separadamente*” (JOLY, 2002, p. 226). Unir todos os elementos de uma reportagem de forma não-linear, no computador, traz vantagens como poder fazer modificações facilmente na ordem dos elementos e dar um acabamento mais apurado ao material.

Já a simulação é utilizada para deixar a reportagem mais didática, demonstrando situações que não foram registradas com imagens a partir da realidade. No sistema digital, por ter todos os equipamentos atuando na mesma linguagem binária, a simulação e outros recursos gráficos como mapas, legendas e artes, são incluídos com mais facilidade. Assim, é possível criar imagens no computador para mostrar aos telespectadores o que eles jamais veriam. “É o ato de representar com semelhança, ou seja, as imagens são simuladas com base nos fatos” (CABRAL, 2012, p. 142).



Mudanças e novas possibilidades na rua

Como as características técnicas da imagem da TV digital podem modificar o trabalho das equipes de reportagem? Muitas transformações já estão acontecendo em algumas emissoras. Em outras o processo é incipiente ou os profissionais ainda trabalham com o analógico. O certo é que a imagem da TV digital traz várias possibilidades de mudança para a rotina dos jornalistas, que podem ocorrer em maior ou menor proporção, dependendo dos profissionais e da realidade de cada emissora.

o telejornalista terá que passar por um processo de reciclagem e de interação com novas mídias, aprendendo outras formas de apresentação do conteúdo, bem como outras maneiras de produzi-lo. As tarefas de buscar, selecionar, analisar e apresentar acontecimentos em forma de notícias imparcialmente continuará sendo a missão do jornalista, contudo o perfil que se instaura confere a concentração de outras atividades (CIRNE, 2012, p. 198).

Inevitavelmente as câmeras que filmam em HDTV mudam o tamanho do campo visual da imagem, exigindo novas posturas dos profissionais. Assim, cinegrafistas e repórteres, acostumados com o 4:3 do analógico, na rua devem ficar atentos ao 16:9. Porém, como grande parte da população ainda não tem aparelhos de TV para a imagem em HDTV, é preciso que o essencial da imagem esteja dentro dos 4:3, pelo menos até que a maioria das pessoas adquiram um novo aparelho de TV.

Surge então como essencial um reenquadramento de práticas e um aprendizado por parte destas equipes, uma vez que os monitores analógicos de tubos de raios catódicos e dimensão de 4:3 serão progressivamente aposentados, cedendo espaço para telas de quantidade de polegadas em muito superior e alta definição sonora e visual (SANTOS, 2009, p. 106).

Se a imagem da TV digital é carregada de detalhes que antes não eram vistos, é preciso maior atenção do repórter e do cinegrafista. Primeiro, no momento de pensar as imagens que devem ser capturadas. Como aproveitar a alta resolução, as cores mais vivas e os detalhes mais evidentes para agregar mais conteúdo e criatividade à reportagem? Essa é uma pergunta que deve ser respondida diariamente pela equipe.



Para saírem à rua, no instante de construção da narrativa da notícia para o telejornal, as equipes deverão ter como norte as sensibilidades e as possibilidades instigadas pelo suporte digital. Repensar o reflexo em cores, sons ambiente, especialmente as noções espaciais e de formulação de perspectivas visuais e planos de filmagem (SANTOS, 2009, p. 106).

Segundo, na hora de escrever o texto da reportagem. Com imagens que trazem mais detalhes o efeito de redundância de um texto cheio de descrições é mais evidente. Alguns detalhes que antes a imagem não conseguia mostrar, como as rugas em um rosto, paisagens mais vivas ou a textura de uma parede, e por isso o repórter precisava colocar no texto, agora não são mais necessários no off.

Se as imagens dizem mais, o texto deve dizer menos, em termos de descrição. Porém, com criatividade e conhecimento, o bom repórter sabe agregar conteúdo unindo a imagem em alta resolução e o texto. Com a TV digital fica mais fácil para o público identificar o texto mal construído. Na hora de montar o quebra-cabeças o repórter também tem mais opções vindas da computação gráfica, facilitadas pelo sistema digital. Porém, esses recursos devem ser utilizados com ética e cautela.

França (2009) enfatiza que o repórter é obrigado a se preocupar mais com a própria aparência. A maquiagem precisa ser sutil e bem acabada. É preciso que a equipe de reportagem fique atenta ainda aos lugares onde as passagens são gravadas. Todo detalhe fica mais evidente em alta definição.

Com um bom dispositivo móvel e uma internet eficiente, a equipe de reportagem pode mandar o off gravado e as imagens brutas de qualquer lugar. Além disso, a tendência é que o próprio repórter edite na rua o material bruto ou parte dele.

grandes são as possibilidades de as equipes de externa ganharem função de pré-editoras, decupando sequências de imagens com mais esmero, selecionando trechos de *sonoras*, efeitos sonoros gravados no ambiente e, assim, oferecendo aos editores a premissa de atuarem como pós-editores deste material (SANTOS, 2009, p. 106).

A tecnologia digital trouxe ainda a possibilidade do repórter também ser cinegrafista, utilizando aparelhos portáteis, contribuindo com o colega de equipe ou trabalhando sozinho, dando mobilidade ao jornalismo.



em virtude da velocidade com quem as informações devem chegar aos telespectadores, as emissoras adotam novos procedimentos, em que os repórteres se tornam polivalentes e devem produzir material com esses aparatos portáteis, para alimentar à redação (CIRNE, 2012, p. 43).

Sem falar que a tecnologia possibilita fazer entradas ao vivo utilizando aparelhos portáteis: “com uma realidade próxima de DVD a transmissão com o celular permite que o repórter possa narrar fatos ao vivo sem o uso de equipamentos tradicionais caracterizados pelo tamanho robusto” (SILVA, 2008, apud PICCININ, 2009, p. 162).

Considerações finais

É fácil deduzir que para quem trabalha com telejornalismo as mudanças são inevitáveis. A tecnologia está forçando uma reestruturação do papel dos jornalistas dentro e fora das redações. Como vimos, a tendência é que os repórteres se vejam cada vez mais forçados a agregar novas habilidades para atender as exigências da TV digital.

Além de boa escrita, apuração, ética e julgamento das notícias, os profissionais do telejornalismo precisarão combinar usos de tecnologias com novas narrativas. Devem ser capazes de relatar um acontecimento usando recursos multimídias e até, se possível, gerir plataformas interativas. Terão que saber expor o mesmo fato em diferentes meios de comunicação [...] Em síntese, admitirão uma postura multifuncional (CIRNE, 2012, p. 205).

Algumas mudanças podem ser muito positivas, outras não. Se os repórteres já carregam uma lista grande de atribuições, essa nova postura multifuncional, sem uma reorganização das atividades, pode contribuir com uma sobrecarga ainda maior e a precarização do trabalho desses profissionais. Será que o telespectador ganha ou perde com isso? É preciso refletir. A alta definição em si não significa melhor conteúdo. Este é produzido pelo trabalho minucioso da equipe de reportagem e pela capacidade dela de utilizar as possibilidades técnicas de forma criativa e responsável. A máquina sozinha não produz o sentido da imagem necessário para o telejornalismo. “Ao contrário do que se dizia ou do que diz a máxima chinesa – ‘uma boa imagem vale mais do que mil



palavras' – eu prefiro dizer uma boa imagem vale mais associada a uma boa palavra” (NOGUEIRA, 1997, apud BRASIL, 2005, p. 9).

Na visão de Cannito (2010) e de Fachel (2011), com o baixo custo dos equipamentos, a tecnologia não é mais um ponto relevante, pois muitos produtores podem facilmente alcançar a qualidade técnica. “Serão os talentos criativos, o potencial especificamente humano, que permitirão o sucesso ou o fracasso dos investimentos” (Cannito, 2010, p. 252). “Há 20 anos, o equipamento fazia diferença nos telejornais. Hoje, o conteúdo passou a ser o que mais importa” (FACHEL, 2011, p. 83).

Em alta definição o apelo emocional da imagem é potencializado, mas isso só contribui positivamente com o conteúdo se for usado da forma correta. Porém, existe a questão mercantilista da notícia como produto colocado a venda, que muitas vezes se sobrepõe. “Utiliza-se toda uma gama de mecanismos de sedução, de passionalidade e de ficcionalidade [...] que banalizam e reduzem os conteúdos da notícia e dão supremacia à forma ou a performance da notícia” (BARRETO, 2013, p. 72).

O processo atual exige estudo e reflexão. Com a imagem em alta definição é necessário que as equipes de reportagem passem por mudanças para aproveitar as potencialidades técnicas da nova tecnologia, porém essas transformações devem passar pelas reflexões aqui levantadas e por muitas outras, para que com a TV digital os telejornais ganhem em conteúdo e não apenas em estética.

Referências

- BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo. **Manual de jornalismo para rádio, TV e novas mídias**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
- BARRETO, Virgínia Sá. **Comunidades simbólicas: identificação imaginária, pactos e vínculos em telejornalismo**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.
- BISTANE, Luciana; Luciane, BACELLAR. **Jornalismo de TV**. São Paulo: Contexto, 2005.
- BRASIL, Antônio Cláudio. **A revolução das imagens – Uma nova proposta para o telejornalismo na era digital**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda., 2005.



- CABRAL, Águeda Miranda. **Manipulação, simulação e infoimagem.** A Realidade Expandida no telejornalismo. In: PORCELLO, Flávio; Alfredo, VIZEU; Iluska, COUTINHO (Orgs.). O Brasil (é)ditado. Florianópolis: Insular, 2012. p. 141-167.
- CANNITO, Newton Guimarães. **A televisão na era digital:** interatividade, convergência e novos modelos de negócio. São Paulo: Summus, 2010.
- CIRNE, Livia. **Interatividade e perspectivas no telejornalismo da TV digital.** João Pessoa: Marca de Fantasia, 2012.
- FACHEL, Flávio. **Dicas de #telejornalismo.** São Paulo: F. Fachel, 2011.
- FRANÇA, Renné Oliveira. **Janela em alta definição:** a imagem e a transformação de sentido na era da tv digital. In: Culturas Midiáticas/ Revista de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba – Vol. II, n. 1 (jan._jun. 2009) João Pessoa: Editora Marca de Fantasia, 2009. p. 62-75.
- JOLY, Martine. **A imagem e a sua interpretação.** Lisboa, PT: Edições 70, 2002.
- LEMOS, Guido. I Fórum Paraibano de TVs Públicas na era digital. Contribuições da sociedade para a construção de uma televisão interativa de qualidade, 2010, João Pessoa. **Anais.** João Pessoa: Editora UFPB, 2009.
- MONTEZ, Carlos; BECKER, Valdecir. **TV digital interativa:** conceitos, desafios e perspectivas para o Brasil. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2005.
- PICCININ, Fabiana. **Do analógico para o digital:** notas sobre o telejornal em transição. In: SOSTER, Demétrio de Azevedo; SILVA, Fernando Firmino da. (Orgs.). Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009. p. 154-173.
- REZENDE, G. J. **Telejornalismo no Brasil:** um perfil editorial. São Paulo: Summus, 2000.
- SANTAELLA, Lúcia; NOTH, Winfried. **Imagem:** cognição, semiótica, mídia. 3. Ed. São Paulo: Iluminuras Ltda., 2001.
- SANTOS, Clayton. **Boa noite, e boa sorte:** a TV digital e o fazer notícia no telejornalismo. In: NUNES, Pedro (Org.). Mídias Digitais & Interatividade. João Pessoa: EDUFPB, 2009. p. 97-113.
- SOUTO, Nara Idelfonso; FERNANDES, José David Campos. **Os bastidores de uma nova era:** a interatividade na televisão digital brasileira. In: NUNES, Pedro (Org.). Mídias Digitais & Interatividade. João Pessoa: EDUFPB, 2009. p. 115-132.
- VILLELA, Regina. **Telejornalismo de TV – Telejornalismo aplicado na era digital.** Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda., 2008.